

ANACpédia: o que é, status atual e disponibilização na Internet

ANACpédia: what is it, current status and availability on the internet

Camila Souza de ANDRADE

Fernanda Alves e SILVA

Gabriela Pinto MAFRA

RESUMO: *Este artigo pretende apresentar o Projeto chamado ANACpédia, base de dados formada por vocabulário da área de aviação, em forma de listas de termos, compondo dois glossários bilíngues (inglês-português/português-inglês; espanhol-português/português-espanhol) e uma lista de siglas em inglês, desenvolvida por servidores da ANAC – Agência Nacional de Aviação Civil do Brasil. Inicialmente imaginado para suprir necessidades linguísticas do público interno da ANAC, pretende-se que os Glossários sejam disponibilizados na Internet para beneficiarem a comunidade aeronáutica brasileira e internacional.*

PALAVRAS-CHAVE: *Aviação; tradução; terminologia; lingual inglesa; língua espanhola; siglas*

ABSTRACT: *This article aims at presenting a Project called ANACpedia, which is composed of data bases with lists of aviation vocabulary that compose two bilingual glossaries (English-Portuguese/Portuguese-English; Spanish-Portuguese/Portuguese-Spanish) and a list of acronyms in English. ANACpedia has been developed by employees of the Brazilian Civil Aviation Agency – ANAC. Firstly developed to help ANAC’s personnel with issues related to translation of terms, ANAC intends to make ANACpedia available at the Internet to benefit the Brazilian aeronautical community as well as the international aeronautical community.*

KEYWORDS: *Aviation; translation; terminology; English language; Spanish language; acronyms*

1 Introdução

Este artigo pretende apresentar a ANACpédia, uma base de dados composta por vocabulário controlado, em forma de listas de termos¹, compondo dois glossários bilíngues

¹ Preferimos o uso de “termo” ao invés de “palavra”, pois esta última está ligada ao ambiente textual, enquanto que “termo” está ligado ao ambiente pragmático da linguagem, isto é, “importam as implicações pragmáticas que são agregadas à circulação de determinadas unidades terminológicas em alguns campos profissionais. Notadamente, este é o caso de comunicações que objetivam estabelecer uma forma de ação regulando, por exemplo, fazeres legais, normativos, administrativos, estratégicos, operacionais, entre uma ampla gama de possibilidades concretas, seja em contextos públicos ou privados” (Krieger, 2000). No âmbito da ANAC, encontramos unidades terminológicas pertencentes a variados campos de atuação da Agência, tais como: normativo, administrativo, legal, estratégico, operacional etc.

(inglês-português/português-inglês; espanhol-português/português-espanhol) e uma lista de siglas em inglês, desenvolvida por servidores da ANAC – Agência Nacional de Aviação Civil do Brasil.

Os glossários reúnem termos e siglas característicos da produção textual especializada de profissionais da aviação no Brasil e no exterior, o que garante que os termos escolhidos foram retirados de contextos reais de ocorrência. Ou seja, os cenários comunicativos são reais, o que impede a presença de termos “fabricados” e não naturais.

O objetivo inicial e primordial da ANACpédia é auxiliar seus consulentes na compreensão da terminologia de aviação veiculada em textos redigidos em língua inglesa e espanhola, e, como consequência, facilitar a produção textual na língua de chegada – o português.

No momento, os glossários estão disponíveis apenas na Intranet da Agência. Pretende-se que sejam em breve disponibilizados na página da ANAC na Internet – assunto sobre o qual falaremos adiante – a fim de que possam alcançar um público-alvo mais extenso e auxiliar a comunidade aeronáutica brasileira e internacional em suas interseções com as línguas estrangeiras e as siglas da aviação em inglês.

1.1 Histórico

A ANACpédia, ainda com o nome de Glossário de Aviação, foi inicialmente concebida para suprir as necessidades do efetivo do extinto DAC – Departamento de Aviação Civil, órgão do Comando da Aeronáutica responsável pela Aviação Civil brasileira antes da criação da ANAC. As necessidades dos colaboradores do DAC relativas ao entendimento e interação com textos redigidos em língua inglesa e língua espanhola eram bastante representativas.

O surgimento da ANACpédia aconteceu de forma ainda um pouco rudimentar, em 2004, principalmente a partir da necessidade de compilação de termos e expressões relacionados à aviação civil, em inglês e espanhol, bem como sua tradução para o português, com o objetivo de:

- auxiliar e facilitar o trabalho de profissionais cujas atividades englobavam as áreas de tradução, tradução inversa (ou versão) e redação de documentos variados em língua inglesa e espanhola;

- auxiliar os profissionais na produção de textos em português (com base em documentos redigidos em inglês ou espanhol) ou nos idiomas estrangeiros.

Percebeu-se que cada servidor traduzia livremente termos ou siglas, o que gerava confusão terminológica nos textos produzidos. Assim sendo, um grupo de servidores especializados nas áreas de Letras e Linguística decidiu começar a compilar palavras, termos e siglas e suas respectivas traduções (oficiais ou não), para posterior tratamento linguístico,

unificação terminológica - quando possível - e divulgação ao público da ANAC, já em 2007, e com ajuda da equipe da Biblioteca da ANAC.

Optou-se por uma ferramenta *online*, pois nos dias de hoje as vantagens oferecidas por materiais de referência *online* são evidentes. Se comparados às obras impressas, os dicionários/glossários/bases de dados eletrônicos online possibilitam consulta mais rápida busca mais refinada, espaço ilimitado para armazenamento de dados e proporcionam aspecto visual mais agradável.

O diferencial entre “eletrônico” e “eletrônico *online*” também deve ser destacado, uma vez que esta última categoria possibilita atualizações constantes, integração de outros recursos (som, imagem etc.) e interatividade com o usuário.

2 Pesquisa e embasamento teórico

2.1 Critérios

Para cumprir com os objetivos iniciais das listas de termos, é importante empregar, idealmente, os seguintes critérios (Teixeira, 2008:207):

- a. utilizar, como base de coleta dos termos, textos *publicados*;
- b. utilizar textos *completos* (porções distintas podem conter terminologia distinta);
- c. o *autor* do texto consultado deve ser competente no assunto;
- d. o âmbito deve ser *profissional* ou *educativo*;
- e. deve-se considerar a *data de publicação* do texto;
- f. a função do texto deve ser *informativa*, *didática* ou *normativa* (dessa forma, garante-se consulta a mais contextos explicativos e definitórios);
- g. os textos devem, preferivelmente, ter sido *escritos por falantes nativos* (para que se possa garantir a naturalidade e a autenticidade das unidades de tradução especializadas equivalentes que compõem o dicionário/glossário/base de dados);
- h. os textos devem ter sido “*aprovados*” *pelo público-alvo* (para o caso específico dos tradutores).

Os textos mencionados nos itens a-h são os textos que compõem um *corpus* linguístico. Segundo Maciel (2006), um *corpus* é

“uma coletânea mais ou menos extensa de textos, completos ou na forma de excertos, de linguagem natural, autênticos, produzidos para comunicação sem a intervenção do pesquisador, preparados para a análise linguística e leitura pelo computador”.

2.2 Gênero e tipo textual

É aqui importante fazer uma breve distinção sobre gênero e tipo textual, uma vez que os textos utilizados durante a compilação dos dados são específicos da área de aviação civil (e, em poucos casos, da aviação militar), sendo, assim, de gênero e tipo específico.

O *gênero* é determinado pelo contexto social em que o texto se insere: romance, poema, editorial, piada, anúncio, receita, noticiário. Hurtado Albir (2001:637) indica a identificação do gênero a partir de “agrupamentos textuais que compartilham a mesma situação de uso, com emissores e receptores particulares, que pertencem a um mesmo campo e/ou modo textual e que possuem características textuais convencionais, especialmente de superestrutura e de formas linguísticas fixas; geralmente compartilham a(s) mesma(s) função(ões) e o tom textual”.

O *tipo* textual refere-se ao propósito retórico principal de um texto, ou seja, argumentar, informar, expressar, persuadir, descrever, etc. (cf. Colina, 1997:336).

2.3 Linguística – breves considerações

Em termos gerais, a linguística pode ser *sincrônica*: estudo da linguagem em um dado ponto do tempo (geralmente o presente); ou *diacrônica*: estudo da evolução da linguagem através do tempo.

Os linguistas procuram estudar o que as pessoas efetivamente fazem nos seus esforços para se comunicarem usando a linguagem. Entendemos que não é objeto de estudo dos linguistas o que as pessoas deveriam fazer, mas sim o que ocorre nos eventos reais de comunicação, seja ela escrita ou oral. Atualmente, a maioria dos linguistas procuram clarificar a natureza da linguagem sem usar juízos de valor ou tentar influenciar o seu desenvolvimento futuro.

Uma comprovação da importância do estudo da linguagem como ela acontece nos eventos de comunicação está no fato de que aquilo que, para um determinado grupo de indivíduos é uso incorreto, para o outro é uso idiossincrático (ou apenas o uso de um subgrupo particular - geralmente menos poderoso socialmente).

Sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade.

Linguística aplicada é um campo interdisciplinar de estudo que identifica, investiga e oferece soluções para problemas relacionados à linguagem da vida real. Alguns dos campos acadêmicos relacionados à linguística aplicada são: educação, linguística, psicologia, antropologia e sociologia.

2.3.1 Linguística de *Corpus*²

A Linguística de *Corpus* (LC) é uma metodologia utilizada em trabalhos terminológicos. Além de metodologia, a LC pode ser considerada uma abordagem teórica. Como sugere Finatto (2007), a LC deve ser vista também como uma abordagem teórica, pois inclui uma visão de língua harmonizada com a perspectiva comunicativo-textual da Terminologia Textual.

Na prática, a LC utiliza *corpora* de uma área específica como base para a criação de materiais de referência, tais como dicionários monolíngues ou multilíngues, glossários, bases de dados terminológicas, etc. Segundo Maciel (2006:4), a utilização de *corpora* na pesquisa linguística permite adotar atitudes não radicais frente aos conceitos fundamentais da teoria linguística.

As pesquisas realizadas com base em *corpus* envolvem: intuição + habilidade de interpretação + conhecimento do sistema da língua (por parte do falante nativo, do não-nativo proficiente ou do linguista).

Uma das correntes mais significativas dentro da LC é justamente a visão mais empirista da linguagem, que defende o pressuposto de que se deve observar o que de fato é usado pelos falantes, buscando-se avaliar a frequência e a ocorrência de itens lexicais para posteriormente relacioná-los a outras instâncias da comunicação (cf. Teixeira, 2008:155).

O pesquisador, ao utilizar o *corpus* para embasar seus estudos, deve levar em consideração os seguintes preceitos da LC, apontados por Teixeira, 2008:38:

1. Palavras, separadas por espaços em branco, não constituem unidades necessariamente (e, portanto, não são os melhores itens para compor, por exemplo, a lista de entrada de um dicionário);
2. O sentido das palavras depende do contexto em que ocorrem, com o qual formam uma unidade;
3. A ocorrência de uma palavra num determinado contexto co-seleciona as demais palavras e influencia na determinação de seus sentidos;
4. Combinações recorrentes de palavras específicas dispostas numa certa ordem têm um sentido razoavelmente estável.

Ainda segundo Teixeira (2008:153),

“os principais diferenciais dos estudos em LC, que vêm atraindo a atenção de pesquisadores dos mais variados campos, são: i) as pesquisas são empíricas: analisam os padrões de uso em textos autênticos, produzidos naturalmente; ii) são utilizadas grandes quantidades de dados, criteriosamente organizados

² A título de curiosidade: o primeiro dicionário de língua inglesa compilado segundo os preceitos da LC foi o *Cobuild English Dictionary* (Sinclair et al., 1987).

(=corpus); iii) o computador é usado extensivamente nas análises; iv) os estudos empregam técnicas quantitativas e também qualitativas (Biber, Conrad e Reppen, 1998:4)”.

2.3.2 Lexicologia

A Lexicologia é um ramo da linguística que tem por objetivo o estudo científico do acervo de palavras de um determinado idioma - léxico - sob diversos aspectos. Para isso, procura determinar a origem, a forma e o significado das palavras que constituem o acervo de um idioma bem como o seu uso na comunidade dos falantes. Assim, por meio da lexicologia torna-se possível observar e descrever cientificamente as unidades léxicas de uma comunidade linguística. A lexicologia se diferencia da lexicografia, ciência instrumental que tem como finalidade a elaboração ou compilação de dicionários. O pesquisador e especialista da lexicologia é o lexicólogo.

2.3.3 Lexicografia

A Lexicografia é a técnica de redação e feitura de dicionários.

Os primeiros dicionários confeccionados eram geralmente bilíngues, glossários que ofereciam traduções de palavras de uma língua para outra. O período medieval conheceu a produção de dicionários monolíngues, mas geralmente estes dicionários (do tipo tesouro ou thesaurus) não adotavam um arranjo por ordem alfabética; ao contrário, as palavras eram agrupadas conforme o sentido (palavras que diziam respeito às atividades da fazenda, nomes de frutas, e assim por diante). Os primeiros dicionários alfabéticos do inglês não eram completos: eram, ao contrário, compêndios de “palavras complicadas”, isto é, de palavras obscuras e difíceis, frequentemente de origem latina. Atualmente, com as contribuições das novas teorias linguísticas e as novas teorias de ensino de línguas a Lexicografia moderna se expandiu. Hoje a preocupação não é apenas em fazer dicionários, mas também, na análise das metodologias de produção lexicográfica, isto é, como e para que os dicionários são feitos. Destaque especial pode ser dado à Lexicografia pedagógica, que estuda os dicionários de aprendizagem de línguas.

2.4 Terminologia

Os estudos da terminologia se desenvolveram, de acordo com Auger (1988 apud Krieger e Finatto, 2004:28 e Barros, 2004:46), segundo três tendências principais:

- *Tendência de orientação linguístico-terminológica* = promover a univocidade na comunicação entre especialistas por meio da criação de normas e diretrizes a serem seguidas pelos usuários das terminologias;

- *Tendência preocupada com a planificação linguística* = aparelhar as línguas regionais em situações de bilinguismo ou coexistência para valorizá-las e preservá-las;
- *Tendência voltada para a tradução* = muito presente nos países com mais de uma língua oficial, se concentra no estudo e na produção de obras de referência bi e/ou multilíngues.

Sobre a relação terminologia-texto técnico, persiste a concepção errônea comum de que o texto técnico se reduz à terminologia que veicula e serve apenas para transferir conhecimento técnico-científico, sendo desprovido de qualquer forma de estilo ou identidade linguístico-cultural (Korning Zethsen, 1999). Neste sentido, Krieger (2000) afirma que “(...) tratar de terminologia técnico-científica é tratar de uma questão da linguagem e não de um constructo ideal e homogêneo a serviço de uma comunicação restrita no âmbito de especialistas e isento de polissemia e de ambiguidades conceituais”.

Em termos gerais, a estruturação de dados terminológicos pode ocorrer segundo as orientações da abordagem conceitual ou da abordagem léxico-semântica.

Segundo L’Homme (2004), a abordagem conceitual não permite integração flexível dos termos e das relações entre os mesmos. A seleção do termo é feita a partir de um único identificador (ou seja, apenas uma palavra). Seleciona-se unidades linguísticas vinculadas a conceitos, e o foco permanece nos substantivos. Entretanto, segundo Krieger (2000), “nem sempre o conceito é o único parâmetro para identificar o valor de uma unidade lexical especializada e sim, a implicação pragmática envolvida no conteúdo semântico do termo.” Esta abordagem orienta a Teoria Geral da Terminologia (TGT), criada por Wüster/escola de Viena, mencionada no item 5.1 abaixo.

Em contrapartida, a abordagem léxico-semântica orienta a seleção de unidades que veiculam significado que pode estar relacionado ao assunto ou área em questão (por exemplo, aviação, culinária, mecânica de automóveis, combustíveis etc.). De acordo com L’Homme (2004), as unidades lexicais selecionadas podem pertencer a diferentes partes do discurso, contanto que seus significados estejam relacionados à área em questão (podem ser selecionados substantivos, verbos, adjetivos e até mesmo advérbios).

Em relação às concepções antagônicas sobre a constituição e a natureza das terminologias, Krieger (2000) aponta também:

1. Termos técnicos considerados unidades de conhecimento (desconsiderados, portanto, como elementos naturais das linguagens naturais); esta concepção anula a dimensão comunicativa das terminologias; versus
2. Terminologias consideradas unidades lexicais, ou seja, componentes naturais do sistema linguístico.

2.4.1 Correntes teóricas

- TGT = *Teoria Geral da Terminologia* (Wüster/Escola de Viena; Felber e Budin). As metodologias propostas por Wüster eram voltadas para a *padronização* da comunicação especializada.
- TST = *Teoria Sociocognitiva da Terminologia*. Para Temmerman (2004 [2001]:37), “a terminologia só pode ser estudada no discurso”. Suas críticas principais à teoria tradicional são: i) a primazia do conceito sobre o signo linguístico; ii) a preocupação normatizadora que preconiza a relação biunívoca entre conceito e termo e despreza as situações comunicativas e cognitivas de uso da linguagem especializada. Para Teixeira (2008:57), o ponto de partida deve ser o termo (unidade do discurso), e não mais o conceito (unidade abstrata e supostamente definível). Ela defende que somente após a compilação de um *corpus* textual, a ser selecionado a partir das *necessidades do grupo de usuários potencial* da terminologia, é que deve-se fazer um levantamento dos termos para posterior coleta de informações (cf. Teixeira, 2008:59).

A ANACpédia dialoga com os seguintes aspectos da TST:

- consideração do público-alvo na seleção e descrição das unidades de interpretação que comporão a obra terminológica;
- o uso mandatório de dados provenientes de corpora textuais, contendo discursos reais.

*Socioterminologia*³. Considera a terminologia em uso (diferentemente da TGT). A Socioterminologia

“dedica-se à preservação da identidade linguística e cultural das terminologias, feita por meio da planificação linguística (intervenção na língua no sentido de criar novas terminologias para preencher lacunas de vocabulário, ou para encorajar seu crescimento e desenvolvimento), e tem na variação terminológica seu foco de estudo principal” (Teixeira, 2008:59).

Autores representativos: Boulanger, Gambier e Gaudin. Gaudin (1993:216 apud Faulstich, 2006) afirmam que os termos devem ser estudados “no âmbito das práticas linguísticas e sociais concretas dos homens que empregam tais termos”. Para a socioterminologia, há de haver o exame do contexto de produção dos léxicos especializados/terminologia em seu espaço de interação social.

A criação de materiais de referência é tópico amplo, que pode ser tratado e discutido sob diversas perspectivas. Nosso objetivo aqui não é apontar como melhor construir um material de referência ou como reconhecer material adequado para os objetivos do consultante. No entanto, podemos afirmar que a elaboração de instrumentos de referência à luz de princípios

³ Real funcionamento da linguagem; dimensão social das práticas languageiras concernidas; exame do contexto de produção dos léxicos especializados.

socioterminológicos é uma forma de evitar o apagamento das variações que os léxicos terminológicos comportam na diversidade de seus contextos de ocorrência.

TCT = *Teoria Comunicativa da Terminologia*⁴ (teoria linguística de base cognitiva⁵ e propósito comunicativo). Unidade terminológica (morfema, lexema, sintagma, oração e o próprio texto). Para a TCT, nenhuma unidade lexical pode ser considerada a priori como *termo*, pois assume esse valor em função de seu uso num contexto comunicativo especializado. Pontos fundamentais da TCT para entender o léxico especializado (Teixeira, 2008:60):

- reconhecer sua poliedricidade (denominativa, cognitiva e funcional);
- sua dupla função (representativa e comunicativa);
- a definição de seus elementos operantes (a linguagem é real, e não ideal; a comunicação deve ser considerada *in vivo* e não *in vitro*);
- a diversidade de suas aplicações (de acordo com as características pragmáticas da comunicação).

O percurso do trabalho terminológico da TCT é semasiológico (do termo para o conceito), e não onomasiológico (do conceito para o termo).

Terminologia Textual. Sua unidade de análise é o texto técnico. O aporte metodológico mais importante é a Linguística de *Corpus*. É a linguística do texto especializado (cf. Hoffman, 2004), apresentando postura descritiva.

“A atividade de construção de uma terminologia torna-se, antes de mais nada, uma tarefa de análise de corpora textuais. Há duas razões fundamentais para isso: as aplicações da Terminologia são mais frequentemente aplicações textuais (tradução, indexação⁶, redação assistida); *a terminologia deve “vir” dos textos para melhor “retornar” a eles*. É justamente porque ela nunca é desvinculada do texto que se fala em “terminologia textual”; é nos textos produzidos ou utilizados por uma comunidade de especialistas que estão expressos e, portanto, disponíveis uma boa parte dos conhecimentos compartilhados por essa comunidade; é, pois, por aí que se deve começar uma análise” (Bourigault e Slodzian, 2004 [1999]:103, grifo nosso).

2.4.2 Variabilidade de terminologias

Defendemos a ideia de que *as terminologias são variáveis* dentro de uma área de atividade, o que, a princípio, parece paradoxal, mas pode ser facilmente explicado se acreditamos que a terminologia está diretamente vinculada às suas aplicações. Ou seja, há tantas terminologias quantas forem suas aplicações. Neste sentido, Bourigault e Slodzian (2004 [1999]:103), destacam:

⁴ Nova teoria estruturada pela sobredeterminação dos aspectos comunicativos das linguagens especializadas em detrimento dos propósitos normalizadores.

⁵ Por preocupar-se com aspectos semânticos da unidade terminológica.

⁶ Organizar em forma de índice (bibl).

“(…) a constante variabilidade das terminologias se impõe: considerando uma área de atividade, não há UMA terminologia que represente O conhecimento dessa área, mas tantas terminologias quantas forem as aplicações nas quais estas forem utilizadas. Diferem quanto às unidades coletadas e quanto à descrição, conforme a aplicação visada”.

3 Status atual da ANACpédia

Disponível na Intranet da ANAC desde junho de 2012, a ANACpédia tem recebido contribuições diversificadas dos variados profissionais colaboradores da ANAC, gentilmente solicitadas pela equipe responsável pelo Projeto. A equipe acredita que somente com a contribuição de profissionais técnicos da área o trabalho possa ser constantemente atualizado e melhorado. Assim como em outras áreas de estudo, os *subject matter experts* desempenham papel preponderante na confecção de glossários da aviação de quaisquer tipos.

Portanto, desde sua primeira versão disponibilizada em junho de 2012, as bases de dados já sofreram diversas atualizações, seja para contemplar as contribuições dos colaboradores da Agência ou para ampliar quantitativa e qualitativamente as bases de dados.

É importante destacar que durante as pesquisas sobre dados para o Projeto, identificou-se um ainda escasso número de publicações do tipo na área de aviação civil. Há no mercado alguns bons dicionários e glossários, mas os mesmos não suprem as necessidades do público da aviação até pelo fato de não haver obras publicadas por assunto, tais como Manutenção Aeronáutica, Aeronavegabilidade, Operações, etc., e muito menos voltadas para públicos específicos, tais como pilotos, controladores, mecânicos de manutenção aeronáutica, despachantes operacionais de voo, etc. E mesmo as obras disponíveis ainda são quantitativa e qualitativamente insuficientes para a necessidade da área.

É relevante indicar também que a escassez de materiais no mercado é ainda mais crítica em relação à língua espanhola. Praticamente não há dicionários ou glossários contendo traduções, definições, contextualizações, etc. nos pares de línguas: espanhol-português e/ou português-espanhol. E para este idioma, há algumas obras cuja qualidade claramente percebe-se comprometida.

Neste sentido, acreditamos que a ANACpédia, após processo de maturação no âmbito da Intranet da ANAC, possa ser disponibilizada na Internet a fim de contribuir como mais uma fonte de referência direcionada à comunidade aeronáutica brasileira e internacional e auxiliar os profissionais da área em suas interações com os idiomas português, inglês e espanhol.

Apenas para fins de ilustração, uma vez que os consultores externos à Agência ainda não podem acessar as bases de dados, apresentamos a seguir algumas telas da ANACpédia ao ser acessada por meio da Intranet da Agência.

Figura 1 – Tela inicial ANACpédia



Figura 2 – Tela de acesso às bases de dados

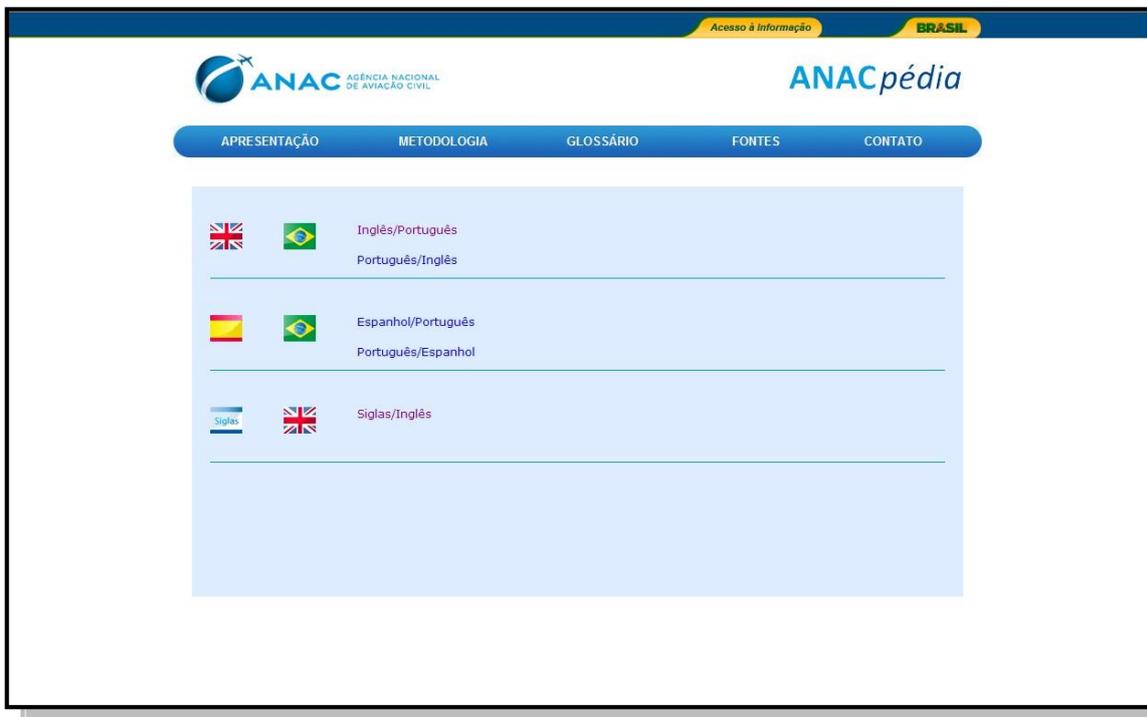


Figura 3 – Tela de acesso aos dados inglês-português

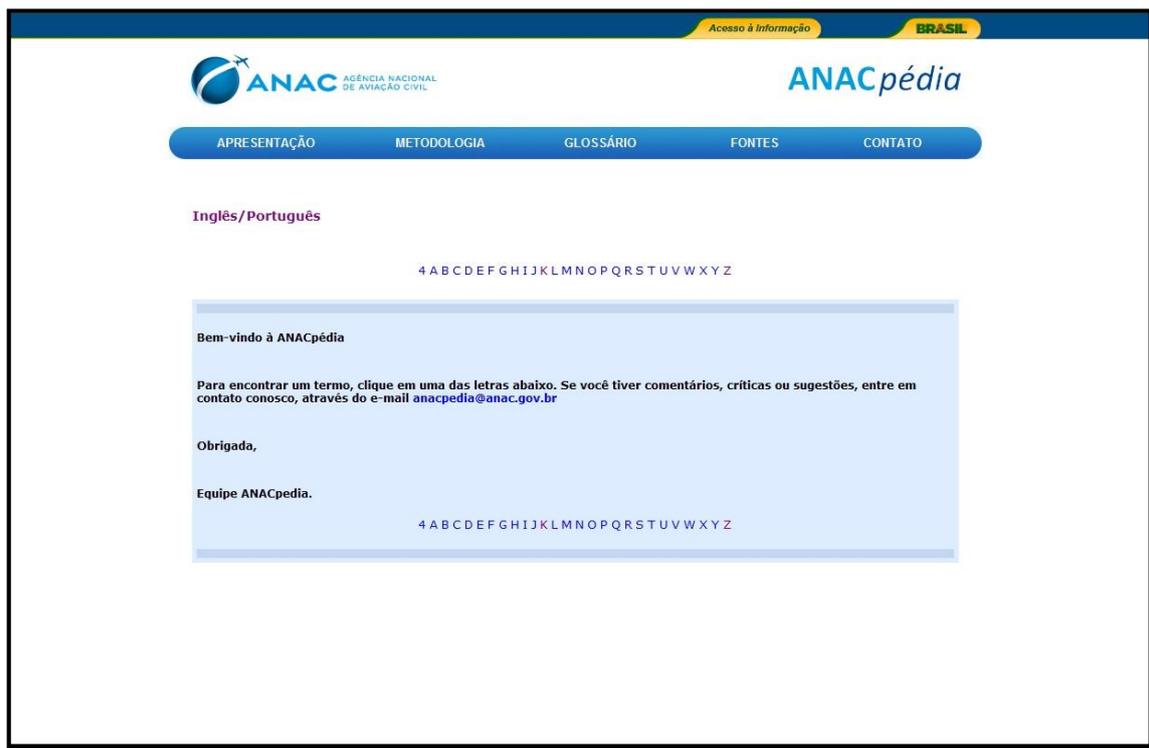


Figura 4 – Tela com a lista de termos da letra “G” a serem clicados pelo consulente



Figura 5 – Tela com as informações disponíveis para o termo “master minimum equipment list”

The screenshot shows the ANACpédia website interface. At the top, there is a navigation bar with the ANAC logo (AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL) and the text "ANACpédia". Below the logo, there are menu items: APRESENTAÇÃO, METODOLOGIA, GLOSSÁRIO, FONTES, and CONTATO. The page is titled "Inglês/Português" and features an alphabetical index from A to Z. The search results for "M" are displayed, showing the term "master minimum equipment list".

<< master cylinder | master minimum equipment list | master rod >>

"M"

master minimum equipment list

Português
lista mestra de equipamento mínimo

Definição1
A list established for a particular aircraft type by the organization responsible for the type design with the approval of the State of Design containing items, one or more of which is permitted to be unserviceable at the commencement of a flight. The MMEL may be associated with special operating conditions, limitations or procedures.

Fonte1
INTERNATIONAL CIVIL AVIATION ORGANIZATION. International civil aviation vocabulary. 3rd ed. Montreal, 2007. (Doc. 9713)

Definição2
A document established by the Minister pursuant to CAR 605.07(1) that enumerates the aircraft equipment that is allowed to be unserviceable for a specified type of aircraft under the conditions specified therein.

Fonte2
TRANSPORT CANADA. Civil aviation terminology system (CATS). Ottawa, 2009. Disponível em: http://www.wapps.tc.gc.ca/Saf-Sec-Sur/2/cats-stac/c_s.aspx?lan g=eng. Acesso em: 22 mar. 2011.

[Search in Google](#)

Figura 6 – Tela com as informações disponíveis para o termo “opposed-piston engine”

<< [operational control](#) | [opposed-piston engine](#) | [opposed cylinder engine](#) >>

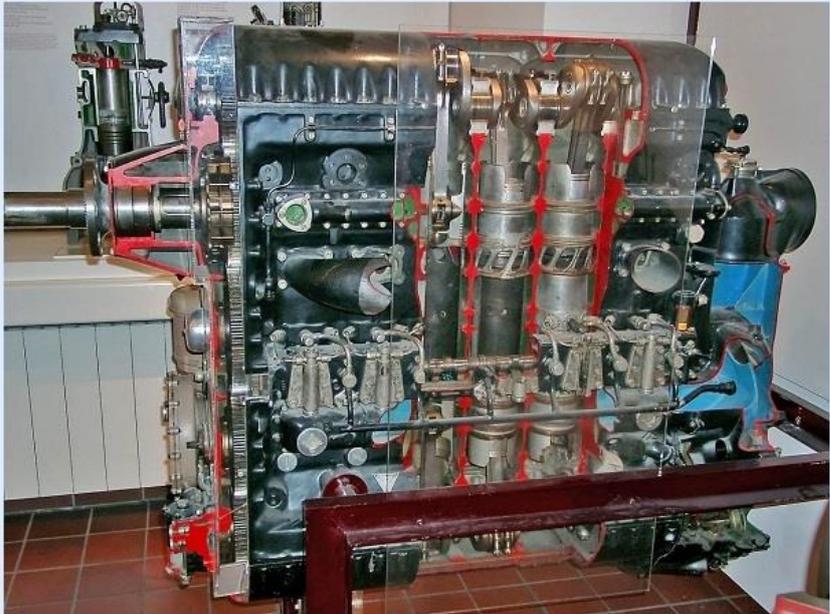
"O"

opposed-piston engine

Português
motor de pistões opostos

Fonte1
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 15971-4: aeronáutica – vocabulário – parte 4: propulsão aeronáutica. Rio de Janeiro, 2011. 44 p.

Imagem



Junkers Jumo 205 opposed piston diesel aircraft engine.

Figura 7 – Tela com as informações disponíveis para o termo “radial engine”

radial engine

Português
motor radial

Definição
A form of reciprocating engine that was at one time very popular for use on aircraft. The cylinders are arranged radially around a small central crankcase. Radial engines have an exceptionally good power-to-weight ratio, but they have so much frontal area that they cause an excessive amount of aerodynamic drag and are not efficient for modern high-speed airplanes.

Fontel
CRANE, Dale (ed.). Dictionary of aeronautical terms. 2nd ed. Renton: ASA, 1991.

Imagem



220 HP Continental radial engine in a 1932 WACO QCF2 biplane.

Figura 8 – Tela com as informações disponíveis para o termo “assisted take-off”

[<< assembly](#) | [assisted take-off](#) | [athwartships](#) >>

"A"

assisted take-off

Português
decolagem auxiliada

Definição
An aerodyne takeoff assisted by additional acceleration provided by some external force such as a rocket, a self-propelled trolley, or a catapult.

Fonte
KUMAR, Bharat (ed.). *An illustrated dictionary of aviation*. New York: McGraw-Hill, c2005. 752 p.

Imagem



Tow line and towing aircraft seen from the cockpit of a glider.

Figura 9 – Tela com as informações disponíveis para o termo “autogiro” (espanhol)

<< atmósfera tipo internacional | autogiro | automatismo (esp) >>

"A"

autogiro

Português
girocóptero

Sinônimos
[giroplaneador](#)

Definição1
aerodino que usa como superficie aerodinámica un rotor en autorrotación.

Fonte1
VERDAGUER, F. R. El autogiro y su vuelo. Madrid: Thomson/Paraninfo, 2005.

Imagem



ELA 07, un autogiro moderno fabricado por la empresa española ELA Aviación.

Figura 10 – Tela com as informações disponíveis para o termo “amaraje” (espanhol)

[<< altura mínima de descenso](#) | [amaraje](#) | [amaraje forzado](#) >>

"A"

amaraje

Português
amerissagem

Sinônimos
[amerizaje](#)

Definição1
descenso de un hidroavión o de un vehículo espacial hasta posarse sobre el agua.

Fonte1
CLAVE: diccionario de uso del español actual. 8. ed. Madrid: SM, 2006.

Imagem



Voo 1549 de US Airways, em Rio Hudson, New York.

Figura 11 – Tela com as informações disponíveis para o termo “aleta” (espanhol)

aleta

Português
winglet

Sinônimos
aleta de borde marginal
aleta de punta
aleta de punta alar
aleta de punta de ala
aleta de punta de plano
aleta marginal
winglet

Definição1
superficie fuera del plano que se extiende desde una superficie de sustentación.

Fonte1
DIRECCIÓN GENERAL DE AERONÁUTICA CIVIL. Regulaciones Aeronáuticas del Perú. Introducción e índice general. Revisión 15. Lima, 2002. Disponível em:
http://www.mtc.gob.pe/portal/transportes/aereo/regulaciones/docs/rap_rev15/rap1/rap_1_subparte_a_rev15.PDF. Acesso em: 28 nov. 2011.

Nota adicional1
La superficie puede o no tener superficies de control.

Imagem



En primer plano, un blended winglet rojo se extiende desde la punta alar de un Boeing 737-800. Al fondo, se aprecia un wingtip fence en el ala derecha de un Airbus A319.

En primer plano, un blended winglet rojo se extiende desde la punta alar de un Boeing 737-800. Al fondo, se

Figura 12 – Tela com as informações disponíveis para a sigla “ADF”

The screenshot shows the ANACpédia website interface. At the top, there is a navigation bar with the ANAC logo (AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL) on the left and the text "ANACpédia" on the right. Below the logo, there are five menu items: APRESENTAÇÃO, METODOLOGIA, GLOSSÁRIO, FONTES, and CONTATO. The main content area is titled "SIGLAS" and features an alphabetical index from A to W. The letter "A" is selected, and a dropdown menu is open, showing the entry for "ADF". The entry includes the following information:

- "A"**
- ADF**
- Português**: indicador automático de direção (ADF)
- Usado para**: automatic direction finder
- Fonte¹**: CAMPOS, M. C.; PAIVA, P. T.; PRICEVICIUS, T.; VARANDA, T. V. C. Glossário de aviação. São Paulo: Núcleo de Estudos de Tradução, 2002.
- Nota adicional¹**: When radiotelephony is used, the abbreviations and terms are transmitted using the individual letters in non-phonetic form.

At the bottom of the entry, there is a button labeled "Pesquisar no Google".

Figura 13 – Tela com as informações disponíveis para a sigla “MEHT”

The screenshot shows the ANACpédia website interface, similar to Figure 12. The main content area is titled "SIGLAS" and features an alphabetical index from A to W. The letter "M" is selected, and a dropdown menu is open, showing the entry for "MEHT". The entry includes the following information:

- "M"**
- MEHT**
- Usado para**: minimum eye height over threshold
- Fonte¹**: INTERNATIONAL CIVIL AVIATION ORGANIZATION. ICAO abbreviations and codes: procedures for air navigation services. 7. ed. Montreal, 2007. (Doc. 8400)
- Nota adicional¹**: For visual approach slope indicator systems.

At the bottom of the entry, there is a button labeled "Pesquisar no Google".

3 Disponibilização na Internet

Criada inicialmente para suprir necessidades linguísticas do público interno, isto é, dos colaboradores da atual ANAC, a ideia de torná-la disponível ao público externo surgiu apenas em 2011, quando percebeu-se que as bases de dados poderiam beneficiar a comunidade aeronáutica brasileira.

No que tange a comunidade internacional, a possibilidade de ter a ANACpédia como *site* de referência, em especial aos países-membros da CLAC (Comissão Latinoamericana de Aviação Civil) surgiu em junho de 2012, quando o Brasil, ainda como Ponto Focal da Macro-Tarefa Capacitação da CLAC comprometeu-se a disponibilizar as bases de dados na Internet e especificamente autorizar a hospedagem no *site* da Comissão de um *link* direto às nossas bases de dados. Ainda, o Brasil e a CLAC comprometeram-se a trabalhar em parceria a fim de constantemente atualizar e melhorar as informações disponíveis, bem como inserir novas informações pertinentes.

4 Considerações finais

Com base em nossa experiência de consulta a materiais de referência na área de aviação, podemos afirmar que há uma carência da diversificação dos tipos de obras produzidas a fim de atender necessidades e objetivos variados, de públicos distintos (tradutores, pilotos, especialistas, técnicos, analistas, pessoal de aeroporto, etc.).

Neste sentido, a ANACpédia é um trabalho inédito no âmbito desta Agência Reguladora, um passo em direção a pesquisas e estudos especializados na área de linguagem e terminologia da aviação.

A criação de materiais de referência tais como dicionários (mono ou multilíngues), glossários e bases de dados terminológicos é tópico amplo, que pode ser tratado e discutido sob diversas perspectivas. Nosso objetivo aqui não é apontar como melhor construir um material de referência ou como reconhecer material adequado para os objetivos do consultante. Pretendemos sim que a ANACpédia funcione como um instrumento facilitador do trabalho cotidiano dos servidores da ANAC – e, no futuro, para a comunidade aeronáutica brasileira e internacional – e para que possamos “promover a segurança e a excelência do sistema de aviação civil, de forma a contribuir para o desenvolvimento do País e o bem-estar da sociedade brasileira”.

Referências

- ALTENBERG, B. & M. EEG-OLOFSSON (1990). Phraseology in spoken English: Presentation of a project. In AARTS, J. & W. MEIJS (eds.) *Theory and Practice in Corpus Linguistics*. Amsterdam: Rodopi, p. 1-27.
- ARROJO, R. (2007). *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 5 ed. – São Paulo: Ática.
- AUBERT, F.H. (1992). Problemas e urgências na interrelação terminologia/tradução. *Alfa*, v. 36, São Paulo, p. 81-86.
- AUGER, P. (1988). *La Terminologie au Québec et dans le monde de la naissance à la maturité*. Actes du Sixième Colloque OLF-STQ de Terminologie. 1985. Québec: Office de la Langue Français et Société des Traducteurs du Québec, p. 27-59.
- AZENHA JR., J. (1999). *Tradução técnica e condicionantes culturais*. Primeiros passos para um estudo integrado. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP.
- BARBOSA, H.G. (1990). *Procedimentos Técnicos da Tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes.
- BARROS, L.A. (2006). Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. *Revista Ciência e Cultura* vol. 58, no.2 (abril/junho). São Paulo, p. 22-26. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid-S0009-67252006000200011&script=sci_arttext [acessado em: 11/07/10].
- _____ (2004). *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Edusp.
- BIBER, D.; S. CONRAD e R. REPPEN (1998). *Corpus Linguistics. Investigating language structure and use*. Cambridge: CUP.
- BOURIGAULT, D. e M. SLODZIAN (2004 [1999]). *Por uma terminologia textual*. [tradução: Sandra Dias Loguercio]. In: KRIEGER e ARAÚJO (orgs.) (2004).
- BYRNE, J. (2006). *Technical Translation: Usability Strategies for Translating Technical Documentation*. The Netherlands: Springer.
- _____ (2002). Análises textual y terminologia, factores de activación de la competencia cognitiva en la traducción. In: ALCINA CAUDET, A. e S. GAMARO Pérez (Eds.). *La traducción científico-técnica y la terminologia en la sociedad de la información*. Castellón: Publicaciones de La Universitat Jaume I, p. 87-105.
- _____ (1999). *Terminología: Representación y Comunicación: elementos para una teoria de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra. Sèrie Monografies, 3.
- COLINA, S. (1997). *Contrastive Rhetoric and Text-Typological Conventions in Translation Teaching*. Amsterdam, *Target* 9, p. 335-353.
- ENGLE, H.N. & ENGLE, P. (1985). *Prefácio de Writing from the World: II*. Iowa City: International Books and the University of Iowa Press.
- FAULSTICH, E. (2006). A socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Revista Ciência e Cultura* vol. 58, no. 2 (abril/junho). São Paulo, p. 48-51. Disponível em:

http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200012&Ing=en&nrm=iso [acessado em: 11/07/10].

FINATTO, M.J.B. (2007). Exploração terminológica com apoio informatizado: diálogos entre terminologia e linguística de corpus. In: Lorente, M.; R. Estopá, J. Freixa, J. Martí, C. Tebé (ed.) *Estudis de linguística i de linguística aplicada en honor de M. Teresa Caré Castellví*. Vol. 2: De deixebles. Barcelona: IULA.

GAUDIN, F. (1993). *Pour une socioterminologie: Des problèmes pratiques aux pratiques. Institutionnelles*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen.

HOFFMAN, L. (2004 [1999]). Conceitos básicos da linguística das linguagens especializadas. [tradução de: Ulla Pedde Muss e Maria José Bocorny Finatto]. In: KRIEGER e ARAÚJO (orgs.) (2004).

HURTADO ALBIR, A. (2005). A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (orgs.) (2005). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

_____. (2001). *Traducción y traductología. Introducción a la traductología*. Madrid: Cátedra.

KÖNIGS, F.G. (1992). *Übersetzen im Fremdsprachenunterricht: Theoretische Erwägungen und praktische Anregungen*. In: JUNG, U.H. (ed.). *Praktische Handreichungen für den Fremdsprachenlehrer*. Frankfurt: Lang.

KORNING ZETHSEN, K. (1999). The dogmas of technical translation: Are they still valid? *Hermes, Journal of Linguistics* no. 23, p. 65-75. Disponível em: http://hermes2.asb.dk/archive/FreeH/H23_05.pdf [acesso em 11/07/10].

KRIEGER, M.G. (2000). Terminologia Revisitada. *DELTA*, Vol. 16, nº 2, São Paulo.

KRIEGER, M.G. e M.J.B. FINATTO (2004). *Introdução à Terminologia: teoria & prática*. São Paulo: Contexto.

L'HOMME, M.C. (2004). *A Lexico-semantic Approach to the Structuring of Terminology*. *Computerm* 2004. Disponível em: http://www.ling.umontreal.ca/lhomme/docs/Computerm_2004.pdf [acesso em 11/07/10].

MACIEL, A. M. B. (2006). Reflexão sobre a pesquisa terminológica em *corpus*. Apresentação no XXI Encontro Nacional da ANPOLL, UFRGS, 19-21 de julho.

NEWMARK, P. (1988). *A Textbook of Translation*. Hemel Hempstead, UK: Prentice Hall.

NIDA, E. A. (1964). *Towards a Science of Translating: With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating*. Leiden: E.J. Brill.

NORD, C. (1997). *Translating as a purposeful activity: functionalist approaches explained*. Manchester, UK: St. Jerome.

PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (orgs.) (2005). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

TEIXEIRA, E. D. (2008) A Linguística de *Corpus* a serviço do tradutor: proposta de um dicionário de culinária voltado para a produção textual. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

TEMMERMAN, R. (2004 [2001]). Teoria Sociocognitiva da Terminologia [tradução: Natacha Enzweiler e Luiza Araújo]. In: KRIEGER e ARAÚJO (orgs.) (2004).

VASCONCELLOS M. A.; PAGANO, A. (2005). Explorando interfaces: estudos da tradução, linguística sistêmico-funcional e linguística de *corpus*. In PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (orgs.) (2005). Competência em tradução: cognição e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG.

WILL. F. (1966). *Literature Inside Out*. Cleveland: Western Reserve University Press.